

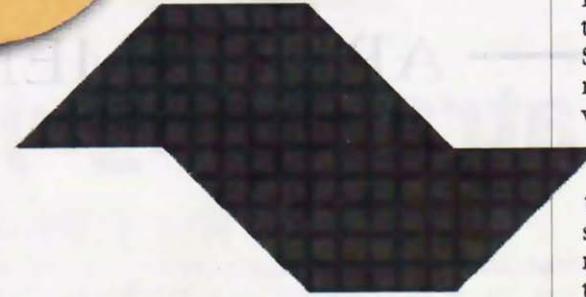
MÚLTIPLA ESCOLHA

SPPrev abre 156 vagas

A São Paulo Previdência (SP-Prev), órgão vinculado à Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, abriu concurso para preencher 156 vagas de nível médio para técnico em gestão previdenciária. Dessas, 148 postos são para a capital. Os candidatos aprovados serão contratados sob o regime da CLT, com jornada de trabalho de 40 horas sema-

nais. O salário oferecido é de R\$ 1,4 mil. As inscrições só poderão ser feitas pela internet, até as 14 horas do dia 15 de junho, pelo site www.concursos-fcc.com.br. O valor da inscrição é de R\$ 40. A aplicação da prova está prevista para o dia 24 de julho, no período matutino e será realizada nas cidades de São Paulo, Marília, Ribeirão Preto e São José dos Campos.

DANIEL TEIXEIRA/AE



empregos & carreiras

Para anunciar ☎ (11) 3855-2001

ALINE MASSUCA/AE

SETOR NAVAL A todo vapor

Construção de embarcações e plataformas petrolíferas aquecem o mercado, que hoje já emprega mais de 56 mil pessoas e prevê contratar outras 15 mil no prazo de três anos

Pág. E5



DANIEL TETKRAJAE



Igor de Assis analisa maquete de um navio

Construção naval prevê contratar 15 mil em três anos

Projeção é do Sindicato da Construção e Reparação Naval com base nas contratações planejadas de pelo setor petrolífero

André Zara
ESPECIAL PARA O ESTADO

A construção naval continua em franca expansão no Brasil. Com crescente abertura de vagas desde o ano 2000, o Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparação Naval e Offshore (Sinaival) trabalha com perspectiva otimista e prevê que cerca de 15 mil empregos diretos serão criados nos próximos três anos.

“O cenário positivo é baseado nas contratações de navios e de plataformas, previstos no programa da Petrobrás, e na implantação de estaleiros em Alagoas, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco e Espírito Santo”, diz o presidente do Sinaival, Ariovaldo Rocha.

De olho nessa movimentação, o estudante de engenharia da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), Igor Rodrigues de Assis, de 24 anos, escolheu a área naval. “Fiquei sabendo que o curso estava em ascensão e o mercado estava aquecido, com falta de profissionais”, afirma Igor, que está no último ano da graduação.

O estudante, que faz estágio no Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), só reclama do fato de a capital paulista não oferecer mui-

tas oportunidades para estagiários e formados, apesar de sua universidade contar com um dos melhores cursos do País. O problema é óbvio: a cidade fica longe do mar.

No curso de engenharia naval da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os alunos não têm dificuldades para achar estágios e empregos perto de casa. “Faltam profissionais em todos os níveis: engenheiros, tecnólogos e técnicos. É uma demanda que não é atendida, e a velocidade de formação não acompanha. Por isso, a empregabilidade dos nossos recém-formados está perto dos 100%”, afirma o chefe do departamento de Engenharia Naval e Oceânica da UFRJ, Luiz Felipe Assis.

Novo quadro. O professor, que também é diretor técnico da Sociedade Brasileira de Engenharia Naval (Sobena), conta que há 15 anos a universidade formava de 10 a 15 engenheiros por ano. “Há dois anos, passamos a formar de 55 a 60 pessoas. Elas são rapidamente absorvidas pelo mercado com salários iniciais de R\$ 6 mil”, diz Assis.

O engenheiro Carlos Alberto Santos Machado, 41 anos, resume a história dos profissionais mais antigos do setor. Ele se for-

HIDROVIA

São Paulo terá estaleiro em Araçatuba

Apesar de o Estado de São Paulo não ter números expressivos na construção naval, está sendo erguido um novo estaleiro em Araçatuba. Pronto, o (estaleiro) Rio Tietê - concebido por um consórcio formado por três empresas - vai produzir 80 barcas e 20 empurra-rodos para a empresa de navegação da Petrobras, a Transpetro, transportar etanol pela hidrovia Tietê-Paraná. Deverá empregar 300 pessoas em 2012, quando ficar pronto.

mou pela UFRJ em 1994, época em que a construção naval estava quase parada.

“Como os estaleiros de construção de navios estavam falidos, ou falindo, fui trabalhar em uma pequena empresa de construção de lanchas esportivas”, conta. Somente em 2002, quan-

do a indústria começava a dar sinais de recuperação, impulsionada pela Petrobrás, ele conseguiu um emprego em uma empresa de certificação de navios.

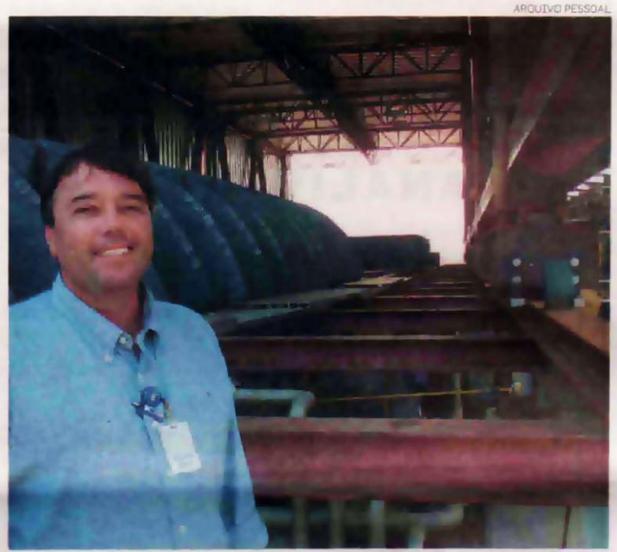
Desde então, passou por diversas companhias e, neste ano, aceitou uma proposta para gerenciar um anexo do Estaleiro Aliança, em Niterói (RJ), que deve ficar pronto em julho. Ele está supervisionando a contratação de 170 funcionários e sente na pele a falta de mão de obra. “O grande desafio é achar recursos humanos”, diz Machado.

Demanda. Em Santa Catarina, a procura por profissionais também é alta. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de Itajaí formou 124 alunos no curso técnico em construção naval no ano passado - com salário inicial de R\$ 2,5 mil. Mesmo assim, o diretor regional da instituição, Sérgio Roberto Arruda, quer aumentar as vagas do curso mais disputado da unidade.

“Infelizmente não consigo, pois não encontramos professores qualificados. O setor está tão aquecido que a maioria dos alunos ainda não formados já está trabalhando”, afirma. Segundo o diretor, a situação deve se agravar, pois 26 empresas do setor que ficam na região já indicaram a criação de cerca de mil novos empregos em breve.

Quem fez o curso se deu bem. O gaúcho Sidnei Ramos Leite, 56, saiu do Rio Grande do Sul para Santa Catarina procurando uma vaga na construção civil. Ficou sabendo que o setor naval estava aquecido e entrou no curso do Senai. Formado em 2005, ele saiu do curso já empregado, por meio da indicação de um professor.

Ele trabalhou em um primeiro estaleiro e em 2008 foi para a construtora Detroit, que emprega cerca de mil pessoas. Hoje, atua na área de projetos da empresa. “É uma área que cresce e tem muita oportunidade de emprego”, afirma Sidnei.



Conquista. O engenheiro Carlos gerencia estaleiro no Rio

Onde estão as graduações e os cursos técnicos

Existe grande demanda por todos os tipos de profissionais para a área de construção naval. Os engenheiros navais encontram a melhor formação na USP (www.poli.usp.br) e UFRJ (www.oceanica.ufrj.br), que têm as graduações mais antigas e conceituadas do Brasil. Recentemente também foram criados cursos nas universidades federais do Pará e de Pernambuco, para criar mais vagas de capacitação no setor.

Embora o tecnólogo ainda enfrente resistência no mercado pela sua formação ainda pouco conhecida, sua aceitação tem aumentado.

A unidade de Jau das Faculdades de Tecnologia de São Paulo (www.fatecjahu.edu.br) oferece o curso de tecnólogo em construção naval, com três anos de duração. No Rio de Janeiro, o Centro Universitário Estadual da Zona

Oeste (www.uezo.rj.gov.br) também oferece a graduação. Segundo o coordenador do curso, Carlos Alberto Martins Ferreira, a Uezo está negociando parcerias com estaleiros para facilitar a entrada dos profissionais na área. Atualmente, a instituição tem um acordo com a Marinha do Brasil para realização de estágios. Quando formado, o profissional pode prestar concurso específico para a graduação na Marinha, com remuneração de R\$ 2 mil. No setor privado o salário é, em média, de R\$ 3 mil.

No entanto, a maioria dos empregos está no setor de produção para técnicos e profissionais qualificados como foguista, eletricitas, soldadores e metalúrgicos, entre outros. Segundo o diretor do estaleiro Aliança, Paulo Conte, cerca de 80% dos funcionários da empresa têm esse perfil. “O Brasil precisa de muita mão de obra, pois a automação ainda é pouco usada na construção”, diz Conte. O Senai de Itajaí (www.sc.senai.br) oferece diversos cursos de qualificação e o técnico.

Licitações já realizadas pela Transpetro somam R\$ 9,6 bilhões

Subsidiária da Petrobrás já contratou 49 navios. Controladora também fará pedidos que incluem plataformas

A Petrobrás e sua empresa subsidiária Transpetro são as maiores propuloras da construção naval do Brasil. O Programa de Modernização e Expansão da Frota da Transpetro (Promef), criado em 2004, já foi responsável pela encomenda de 49 navios petroleiros a estaleiros brasileiros.

Dessas embarcações, 41 já foram licitadas, com investimento de R\$9,6 bilhões. Desse total, 11 serão construídas no Rio de Janeiro e 30 em Pernambuco. Os

últimos oito navios estão em fase de licitação.

Com o programa, a expectativa é de que a frota da Transpetro chegue a mais de 110 navios em 2014. Hoje, o Brasil já possui a quarta maior carteira de encomenda de navios petroleiros do mundo.

A Petrobrás também não fica atrás nos investimentos. Até 2020 a empresa pretende acumular a contratação de 504 barcos de apoio, 169 plataformas de produção e 54 barcos de perfuração de águas profundas, chamados sondas. Destes, 26 já foram contratados no exterior, e os 28 restantes serão produzidos no Brasil até 2020.

No entanto, sete dos 28 barcos já foram encomendados ao esta-

leiro Atlântico Sul, que venceu a concorrência. As outras 21 embarcações tiveram a licitação cancelada por preço excessivo e terão nova concorrência, em fase de planejamento.

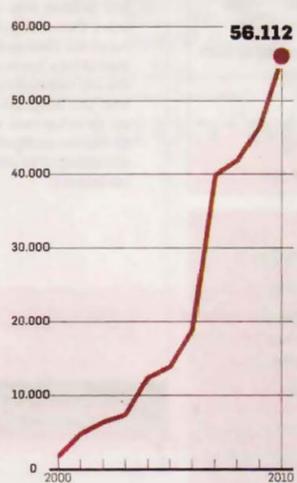
O fato preocupa o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. Segundo o secretário para assuntos do setor naval da entidade, Maurício de Mendonça Ramos, os atrasos podem prejudicar a indústria local.

“Essa licitação precisa sair logo, para não correremos o risco de a Petrobrás comprar as sondas no exterior. Isso representaria, somente para as cidades de Rio e Niterói, a perda de três mil empregos. É uma questão de preservação da indústria que está em jogo”, afirma Ramos.

CRESCIMENTO NO MAR

● O setor de construção naval está se expandindo rapidamente desde o ano 2000 e apresenta forte crescimento na demanda por mão de obra qualificada, após anos de estagnação

Evolução dos empregos no setor naval brasileiro



Obs: Não considera a indústria náutica de lazer. FONTE: SINAIVAL

Distribuição dos empregos no Brasil



INFOGRAFICO/AE